



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

LARICE DA SILVA OLIVEIRA

**O DEVIR E O LUGAR DA MULHER NA LITERATURA DE CORDEL: UMA
LEITURA DE *A MULHER DE ANTIGAMENTE E A MULHER DE HOJE EM DIA*, DE
MANOEL MONTEIRO**

CATOLÉ DO ROCHA
2018

LARICE DA SILVA OLIVEIRA

**O DEVIR E O LUGAR DA MULHER NA LITERATURA DE CORDEL: UMA
LEITURA DE *A MULHER DE ANTIGAMENTE E A MULHER DE HOJE EM DIA*, DE
MANOEL MONTEIRO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba como um dos requisitos para a obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Letras, sob orientação da Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes.

CATOLÉ DO ROCHA
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48d Oliveira, Larice da Silva.
O devir e o lugar da mulher na literatura de cordel: uma leitura de A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia, de Manoel Monteiro [manuscrito] : / Larice da Silva Oliveira. - 2018.
35 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2018.
"Orientação : Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."
1. Cordel. 2. Mulher. 3. Estereótipos. 4. Sátira.
21. ed. CDD 305.4

LARICE DA SILVA OLIVEIRA

**O DEVIR E O LUGAR DA MULHER NA LITERATURA DE CORDEL: UMA
LEITURA DE A MULHER DE ANTIGAMENTE E A MULHER DE HOJE EM DIA, DE
MANOEL MONTEIRO**

Trabalho defendido e aprovado em: 13 de junho de 2018

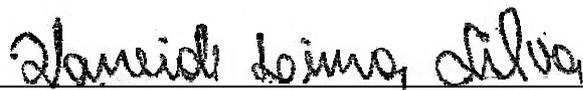
BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Profa. Dra. Vaneide Lima Silva (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Aos meus filhos, Yuri Oliveira Suassuna e Theo Oliveira Suassuna (*in memoriam*), meus guerreiros, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, por ter me amparado nos momentos mais difíceis de minha vida.

À Universidade Estadual da Paraíba, pela oportunidade de realizar o sonho de me tornar graduada em Letras.

Ao corpo docente da Universidade Estadual da Paraíba, pelo aprendizado e crescimento humano e intelectual.

À minha orientadora, *Maria Fernandes de Andrade Praxedes*, pelo empenho, compreensão, e pelas orientações.

A minha mãe, *Lucineide da Silva* e ao meu pai *Odair Oliveira*, pelo incentivo, ensinamentos, cuidados e amor.

Aos meus pequenos filhos, *Yuri Oliveira* e *Theo Oliveira (in Memoriam)*, que mesmo em meio a tanta dor e lutas, foi possível aprender com vocês o verdadeiro sentido da palavra amor. Aprendi também a nunca desistir, pois a vida é um livro fascinante, no qual sempre é possível reescrever uma nova história.

Às minhas irmãs, *Layane da Silva* e *Lamara Dayane*, pelo apoio.

A meu esposo, *Thedy Suassuna*, pelo amor, carinho e apoio nessa jornada acadêmica.

Aos colegas e amigos, em especial a minha amiga *Silvana Almeida*, pelas palavras de apoio nos momentos de aflições e desespero.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para que fosse possível a realização deste trabalho. OBRIGADA!

Ao Mestre.
Falar da literatura
Tem que ter sabedoria
O cordel é uma cultura
Que é feita com maestria
Você tem a desenvoltura
Que parece partitura
dos versos da poesia.

(Guibson Medeiros)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as figurações da mulher no cordel *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia* (2012), de Manoel Monteiro, atentando para os estereótipos produzidos pela intransigência a outros perfis femininos que não se enquadram na construção social vigente. Em tom de brincadeira, criatividade, gracejo e sátira, o cordelista faz uma comparação entre a mulher contemporânea e a mulher de antigamente evidenciando as mudanças a partir de edificações históricas, econômicas, culturais e sociais. Quanto aos procedimentos e às formas de abordagens, este estudo se constitui numa pesquisa bibliográfica-descritiva e qualitativa à luz de reflexões teóricas de autores como Candido (2001), Luyten (2005), Curran (1986), Galvão (2001) entre outros. A leitura do referido cordel possibilitou a compreensão de que a construção social da mulher está ligada à institucionalização das múltiplas linguagens visuais e simbólicas atribuídas pelo sistema patriarcal que institui papéis distintos à mulher ao longo da história.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel. Mulher. Estereótipos. Sátira.

ABSTRACT

This work aims to analyze the woman figuration in cordel *A mulher de antigamente* and *A mulher de hoje em dia* written by Manoel Monterio, looking for female stereotypes in force of intransigence to other female's profiles that not fits in actual social construction. Jokingly, creatively and satirizing, the author made a comparison between contemporary woman and the old times woman emphasizing the changes starting from historic facts, economics, cultural and social. About the approach and methods, this study constitutes a bibliographical and descriptive research. Theorists as Candido (2001), Luyten (2005), Curran (1986), Galvão (2001) among others supported the discussions about society and the woman. The reading of *corpus* made possible the comprehension that the female's social paradigms is linked to the institutionalization of multiple visual languages and symbolic attributed by the patriarchal system which, along the time, institute distinct roles to woman.

KEYWORDS: Cordel. Woman. Stereotypes. Satire.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. UM TRAÇADO DA CULTURA CORDELISTA NO BRASIL.....	11
2.1 Manoel Monteiro, o pesquisador da cultura popular.....	17
3. A MULHER DE ANTIGAMENTE E A MULHER DE HOJE EM DIA NOS VERSOS DE MANOEL MONTEIRO.....	19
3.1 O devir e o lugar de “A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia”, de Manoel Monteiro.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Em *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia* (2012), Manoel Monteiro se vale do humor satirizado para imprimir uma crítica, possivelmente, ao devir e ao lugar-comum da mulher de todos os tempos. A brincadeira do poeta popular é no sentido de comparar a mulher de antigamente com a mulher de hoje em dia. O cordelista traz para o debate algumas mudanças no que concerne a emancipação da mulher dentro de uma sociedade ainda gerida pelo homem, tanto do ponto de vista econômico, político e social, quanto do ponto de vista de dominação e controle, uma construção socialmente autoritarista e arbitrária, na qual o papel da mulher era, e em alguns casos ainda é, de submissão ao marido e aos seus chefes de trabalho, submetidas, muitas vezes, a humilhações e ao assédio moral e sexual.

A temática central do folheto *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia* incorre sobre a figuração da mulher, suas lutas e conquistas, o acesso ao trabalho fora de casa, o direito à liberdade de escolha e à privacidade. A maioria das mulheres de hoje em dia reconhecem e lutam pelo seu devir-lugar, não se submetem mais à vontade masculina, enfrentam os desafios, ocupam os espaços de domínio masculino, e não se deixam abater com a intolerância de uma sociedade efetivamente preconceituosa.

O presente trabalho de caráter bibliográfico e qualitativo teve como objetivo analisar a representação da mulher no cordel *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia* (2012), de Manoel Monteiro, atentando para a trivialidade dos papéis atribuídos à mulher ao longo da história, ou seja, a falta de valorização e reconhecimento da mulher fora do ambiente doméstico. Por isso, quando se fala de posição social da mulher no contexto brasileiro atual não se pode revogar um passado notadamente marcado pela segregação de direitos trabalhistas e políticos, bem como pela violação à liberdade sexual da mulher.

A pesquisa está estruturada da seguinte forma: no primeiro momento fizemos um breve traçado da cultura cordelista no Brasil, destacando algumas concepções teóricas sobre a origem e a fixação do cordel no Nordeste brasileiro. Na sequência, registramos algumas informações acerca do poeta Manoel Monteiro, sobre suas experiências com a literatura de cordel, as

dificuldades pessoais, e a decadência de quem não soube lidar com o drama da diabetes. No terceiro momento, analisamos a representação da mulher no imaginário do poeta popular, e no imaginário individual e coletivo da sociedade atual.

O lugar-comum da mulher na literatura de cordel é objeto de nosso e interesse, uma vez que, o assunto é atual e merece uma ampla discussão na academia e na sociedade de modo geral, pois a representação da mulher em Manoel Monteiro é o divisor de águas de um novo paradigma feminino, cuja força reside, principalmente, na independência financeira da mulher, conquistada a duras penas, sob o estigma do sexo frágil, vulnerável e indefeso. Contudo, a mulher, paulatinamente, tem mostrado sua força e, embora a passos lentos, vem superando a carga de preconceito e discriminação nos espaços habitados e dominados pelo homem, tido ainda como símbolo de força e competência.

2 UM TRAÇADO DA CULTURA CORDELISTA NO BRASIL

A cultura de um povo é diversificada e rica, por isso não se pode pensar uma sociedade sem cultura e muito menos em sujeitos privados de saberes e costumes, visto que a vida em sociedade possibilita a partilha, mesmo quando em proporções menores, de bens culturais, independentemente do modo de como esses bens são concebidos, do ponto de vista da classificação e do acesso. Dito isto, a arte, como representação das experiências humanas, agrega e potencializa as relações pessoais e interpessoais a partir de um determinado contexto histórico-social, e como expressão de sentimento ela está vinculada aos nossos medos, sonhos, frustrações e, principalmente, a forma de ver as coisas e as pessoas que estão ao nosso redor.

A cultura é representada pelas mais variadas manifestações artísticas, sejam elas eruditas ou populares, correspondem a uma herança histórica e contextual. Nesse sentido, a literatura, como uma manifestação estética, evidencia, igualmente, a realidade cultural, difundido experiências humanas. Isso provoca uma ampla discussão sobre a conexão entre ficção e realidade, ou seja, entre literatura e sociedade. Candido discorre como ocorre essa relação:

Se encararmos os fatores presentes em bloco na estrutura social, nos valores e nas técnicas de comunicação, veremos logo a necessidade de particularizar o seu campo de atuação. Tomemos os três elementos fundamentais da comunicação artística — autor, obra, público — e vejamos sucessivamente como a sociedade define a posição e o papel do artista; como a obra depende dos recursos técnicos para incorporar os valores propostos; como se configuram os públicos. Tudo isso interessa na medida em que esclarece a produção artística, e, embora nos ocupemos aqui principalmente com um dos sentidos da relação (sociedade-arte), faremos as referências necessárias para que se perceba a importância do outro (arte-sociedade). (CANDIDO, 2006, p.33)

Com a literatura de cordel¹ acontece exatamente isso - o artista colhe as experiências da vida cotidiana e transforma em ficção, como, por exemplo, a cultura popular típica do povo nordestino. Os versos dos cordelistas enfocam os acontecimentos corriqueiros, fatos políticos, artísticos, lendários, folclóricos ou pitorescos. De caráter simples, mas qualitativo, assim como o povo do Nordeste, o cordel como gênero literário popular não exige tanto estilismo ou formalidades, mas a sua abrangência é tanta que alcança leitores de todas as classes sociais.

Essa riquíssima expressão artística, que encontrou campo fértil no Nordeste brasileiro, só pode ser concebida se a inserirmos dentro de um contexto cultural mais amplo, a fim de se compreender suas origens e os processos de renovação pelos quais o gênero passou ao longo dos tempos, difundindo os temas e as formas de expressão da arte e da vida. Sobre essa questão, Cascudo (2001, p. 331), afirma que a literatura popular é “[...] tipicamente impressa, não exclui a passagem à oralidade”. Desta feita, o seu surgimento se deu no início no século XVI, no período do Renascimento quando os relatos tipicamente orais passaram a ser impressos, por isso até hoje a linguagem do cordel se aproxima efetivamente da oralidade.

A nomenclatura “Literatura de cordel” foi dada aos folhetos de cordéis pelos estudiosos intelectuais brasileiros por volta da década de 60 e 70, adotando a mesma terminologia de Portugal para as poesias semelhantes ao

¹ É um gênero literário, folhetos contendo rimas populares, expostos para venda pendurados em cordas ou cordéis, o que deu origem ao nome. O termo “Cordel” é de herança portuguesa. Essa manifestação artística foi introduzida por eles no país em fins do século XVIII. Todavia no Brasil, a literatura de cordel representa uma manifestação tradicional da cultura interiorana do Nordeste que adquiriu força no século XIX, sobretudo, entre 1930 e 1960. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/literaturadecordel>> Acesso em 14 de fevereiro de 2018.

cordel. Todavia, essa literatura antes de ter o nome oficial, era reconhecida como os livrinhos de feira, ou livretos, ou popularmente denominada, pelos cordelista, de folhetos. O nome Cordel também descende da palavra cordão, pois os folhetos eram estendidos/pendurados em cordões ou barbantes para serem vendidos em feiras livres. Os primeiros folhetos foram trazidos pelos colonizadores, e só depois de três séculos surgiram os folhetos independentes de autoria de brasileiros na região Nordeste do país, onde o Cordel melhor se desenvolveu por causa da diversidade sociocultural do povo nordestino. Sobre esse aspecto Melo, relata:

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de Cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bando de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas das famílias deram oportunidades, entre outros fatores, nas manifestações da memória popular. (MELO, 1982, p. 12)

A compreensão sobre a literatura de cordel incorre quase sempre pela tendência de caracterizá-la pela forma de folheto, com imagens feitas através de xilogravuras, e vendidas por poetas populares ou cantadores autônomos nas feiras livres do Nordeste do Brasil. No entanto, o cordel vai muito além disso, e sua origem, segundo dizem, é genuinamente europeia, pois muitos estudiosos são unânimes ao afirmarem que a origem do cordel surgiu dos romanceiros da Idade Média, cuja expressão era tradicionalmente oral.

De acordo com os folcloristas brasileiros Manuel Diégues Júnior, em seu livro *Ciclo Temático na Literatura de Cordel* (1972) e Luís da Câmara Cascudo, autores de várias obras sobre a cultura popular, a exemplo dos livros *Vaqueiros e cantadores* (1984) e *Cinco Livros do povo* (1953), o cordel originou-se de Portugal, por volta do século XVII, e era conhecido como “folhas soltas”, “folhas volantes”, originário dos romances tradicionais portugueses, era impresso em folhas soltas, presos em “barbantes ou cordéis”, vendidos nas feiras e romarias, quase sempre por cegos. A esse respeito, Júnior enfatiza:

Tem-se atribuído às folhas volantes lusitanas a origem da nossa literatura de cordel. Diga-se de passagem, e antes de mais nada, que o próprio nome que a consagrou entre nós também é usual em

Portugal; a ele refere-se, por exemplo, Teófilo Braga em mais de uma parte de suas obras e em artigo especial para um jornal lisboeta, no já longínquo ano de 1895. Eram as “folhas volantes também chamadas de folhas soltas. (JÚNIOR, 1977, p.9).

Para o autor, folhas volantes ou folhas soltas eram formas rudimentares de serem impressas e vendidas em feiras livres, praças e ruas. Os registros dessas folhas eram acontecimentos históricos ou poesia erudita originária da Península Ibérica, e que na Espanha eram chamados de “*pliegos sueltos*”, denominação extensiva à América Latina. Todavia, podemos perceber que no decorrer dos anos o cordel passou por um processo de evolução e aprimoramento, surgiu como a tradição milenar de contar histórias, narrativas conservadas pela memória dos mais velhos e transmitida a outras gerações. Depois ganhou destaque, e com o surgimento da imprensa passou a ser impressa e difundida a um número maior de leitores. Embora houvesse alguns folhetos escritos em prosa, a maioria era produzido em forma de versos para facilitar a compreensão do público, principalmente o analfabeto. Ainda sobre a definição e surgimento da literatura de cordel, Júnior lembra que:

O nome de literatura de cordel vem de Portugal, e, como todos sabem, pelo fato de serem folhetos presos por um pequeno cordel ou barbante, em exposição nas casas em que eram vendidos, este tipo de poesia está relacionado ao romanceiro popular, a ele ligando-se, pois apresenta-se como romances em poesia, pelo tipo de narração que descreve. A presença da literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas. (JÚNIOR, 1977, p. 01)

Das inúmeras formas de manifestar a arte poética, a poesia oral é um paradigma que confirma tanto a presença da cultura europeia quanto da cultura nordestina brasileira, intrínseca do processo de colonização. Por isso, certamente, é irrelevante negar a influência do cordel português na estrutura dessa arte no Brasil. Todavia, apesar das leituras nos revelarem que a literatura de folhetos esteve presente em vários países europeus dos séculos XV ao XVII, não há um consenso, um denominador comum, entre alguns teóricos e críticos literários, quanto a sua origem aqui no Brasil. Essa dissonância é destacada por Galvão quando afirma que:

Não há, entre os estudiosos, um consenso quanto às origens desse tipo de literatura no país e, particularmente, seu desenvolvimento no Nordeste brasileiro. Sabe-se que a questão das origens é sempre

problemática no âmbito da historiografia contemporânea, revelando-se, quase sempre, um falso problema e um esforço inócuo em busca de sua solução na medida em que a história tem sido considerada como feita de descontinuidades e rupturas. (GALVÃO, 2001, p. 28).

O hábito de contar história era cultuado no país desde o século XVI, pelos índios e pelos povos africanos, e por isso, na condição de povos colonizados, a origem da literatura de cordel no Brasil pode estar ligada à cultura dos colonizadores portugueses, com raízes nos romances tradicionais. Entretanto, a defesa de alguns pesquisadores sobre a origem do cordel no Nordeste brasileiro repousa sobre a existência de formas diversas da poesia e da oralidade dos cantadores de repente, por exemplo. Não obstante, em meio a copiosas considerações e discussões, pode-se inferir que a literatura popular chegou ao Brasil, se resguardou no Nordeste, floresceu e se expandiu para outras regiões para popularizar a cultura do povo nordestino e de outras regiões do Brasil.

De acordo com Luyten (2005, p. 18) a literatura de cordel surgiu “como manifestação leiga independente do sistema de comunicação eclesiástico”, essa forma de comunicação tinha expressividade na Idade Média e era empenhada em dialetos regionais, distinta da língua latina oficial da Cristandade. Todavia, com o avanço do sistema burguês se estabelece a diferença entre a cultura popular do povo e a cultura das elites, definida pela norma culta da língua. Diante disso, o analfabetismo surge como elemento expressivo da tradição oral do cordel, conforme pontua Abreu:

Quer seja por questões históricas ou socioeconômicas, o alto índice de analfabetismo forneceu um terreno fértil para a tradição oral do cordel; é mais provável que os folhetos nordestinos tenham ganhado notoriedade e se estabelecido como expressão cultural através de cantorias e pejejas orais do que pela questão da literatura e da escrita. (ABREU 1999, p.15)

A arte passa por um processo de mutação, e com a literatura de cordel não é diferente, assentada em diversas culturas, com o passar dos anos começou a afastar-se das versões estrangeiras e assumir suas próprias características. Importar ressaltar a representação e a relevância da cultura popular para as artes de um modo geral, segundo destaca Viana (2005) “a poesia popular impressa, denominada literatura de cordel, é uma das mais

legítimas expressões culturais do povo nordestino”. Ainda sobre a singularidade e importância da literatura de cordel, Santos afirma que:

Literatura de cordel é arte, arte grandiosa do povo. Arte que compõe e revela o mundo fascinante da imaginação e do pensamento popular. O fascinante e desabusado mundo do cordel! Fascinante, pelo que contém de utópico, fantástico, maravilhoso [...] desabusado, por sua maneira de criticar, de comentar; pelo jeito muito seu de assumir posição diante dos fatos, perante si mesmo e perante ou outros mundos. (SANTOS *apud* MEDEIROS, 2002, p. 25)

A especificidade do cordel, seja pela disposição dos versos, da caracterização dos personagens, dos temas abordados, da mistura da ficção com a realidade, da leviandade e da naturalidade da forma de linguagem, compõem uma sintonia que faz dessa arte uma das mais prazerosas de se ouvir e ler. Desta feita, Luyten (1992, p. 43) relata que “por tudo isso, podemos dizer, simplesmente, que a literatura de cordel, como é cultura popular, trata de assuntos que interessam ao povo. E quando o faz, refere-se a assuntos e pessoas sob o ponto de vista popular”, por isso o cordel significa para a tradicional cultura nordestina a essência, a representação poética da realidade social, das experiências de vida.

Para Medeiros (2002, p. 16) “a história do povo nordestino de certa forma, pode ser contada e lida a partir de várias histórias de cordel, com uma riqueza temática bastante variada”, as quais prendem a atenção do leitor pelo ritmo, pela variedade de temas e, principalmente, criatividade com que os poetas falam do cotidiano de pessoas simples e de personagens de grande notoriedade social, aguçando a curiosidade e a dúvida acerca do que é real ou ficção. Sobre a estrutura do cordel, Monteiro (2008, p. 03) entende que “a exigência da métrica, normalmente cinco, sete ou dez sílabas poéticas, e as rimas (estrofes que compõem sextilhas, oitavas e décimas) fazem dos poemas de cordel bons de ouvir, gostosos de aprender, fáceis de memorizar e repetir”. Esses elementos são fundamentais para a construção do poema porque são responsáveis por chamar atenção do leitor ou do ouvinte.

O cordel é, normalmente, estruturado em sextilhas, estrofes básicas, ilustradas pelas xilogravuras, clichês, cartões postais, fotografias, desenhos e outras composições gráficas. O material para pesquisas e variadas

interpretações é farto, pois remete para o contexto sociocultural da realidade do povo nordestino. Para além da estética, os temas veiculados no cordel suscitam inúmeras reflexões sobre diferentes assuntos – a “peleja”, por exemplo, figura nos folhetos para tratar, de forma cômica e burlesca, das intrigas entre heróis, cangaceiros, artistas e entre outras figuras representativas, normalmente, personalidades muito conhecidas e que continuam no imaginário das pessoas. Assim, os folhetos sobre os mais diversos temas, tradicionais ou contemporâneos, compostos por inúmeros poetas populares, estabelecem relações icônico-textuais significativas, ou outras intratextuais.

2.1 Manoel Monteiro, o pesquisador da cultura popular

Natural da cidade de Bezerros, no interior pernambucano, Manoel Monteiro da Silva nasceu no ano de 1937. Em meados de 1951, com apenas 15 anos de idade, o cordelista foi levado, pelo poeta Pedro Manoel, para a cidade de Campina Grande no Estado da Paraíba. O jovem poeta buscava não apenas um trabalho, ele acreditava que na rainha da Borborema fosse possível desenvolver suas habilidades poéticas. Em meio às feiras populares, o menino pernambucano começou a vender folhetos, e logo chamou atenção pela desenvoltura ao declamar versos enquanto trabalhava.

No ano de 1955, os poetas Manoel Camilo dos Santos e João José da Silva conheceram, por meio do jornal “A voz do trovador”, em sua sexta edição, o poeta Manoel Monteiro como um trovador popular. Elogiado por esses autores, além de contar com a colaboração do renomado poeta popular, José Bernardo da Silva, o autor de *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia*, passou a viver de arte popular e adotou a cidade de Campina Grande como sua terra natal.

O poeta teve uma produção de cordéis respeitável, em seu currículo poético, diversas obras abrilhantam sua assinatura em folhetos, e sua notoriedade foi tanta que em 2002, foi escolhido como membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), na qual ocupou a cadeira 38 e teve como patrono o poeta Manoel Tomaz de Assis. Entre as inúmeras obras do poeta Manoel Monteiro, podemos destacar: *Uma paixão no deserto* (1975),

Nova história da Paraíba (2003), A estória de ET um homem de outro mundo (2004), A estória do rato, do gato (2005), A cartilha do diabético (2005), Uma lenda do povo Caiapó (2005), Paraíba, grandes nomes(2008), A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia (2012), entre outras.

A literatura de cordel de Manoel Monteiro é disseminada nas escolas em função da riqueza dos temas sobre a sociedade moderna e contemporânea. Além dos tradicionais folhetos, o poeta escreveu também inúmeros paradidáticos. Mas, ironicamente, a vida do poeta imitou a ficção, ou seria o contrário? O que se sabe é que o poeta cordelista silenciou diante da arte e da vida, silêncio no sentido de não mais poder produzir seus versos, pois em junho de 2014, o Brasil perdeu o narrador de histórias que encantou críticos literários e leitores de todas as faixas etárias. Depois de quase um mês desaparecido, o poeta é encontrado morto em um quarto de motel em Belém do Pará. A literatura popular perdia, assim, um dos grandes autores da cultura popular brasileira, porém, seu legado literário segue vivo na memória do povo brasileiro.

Pesquisador da cultura popular nordestina, Manoel Monteiro escreveu sobre assuntos polêmicos como política, religião, amor, educação, doenças, intrigas, costumes, entre outras questões sociais, muitas vezes, com um tom de crítica e realismo. O poeta era portador de diabetes, e revela através de seus versos a dificuldade em lidar com a doença, mas, apesar do embate com a enfermidade, escreveu sobre o assunto de forma didática para esclarecer e ajudar as pessoas que têm o mesmo problema de saúde, como fez, por exemplo, em *A cartilha do diabético (2005)*, cuja estrutura é de um cordel, mas o conteúdo equipara-se com um livro paradidático, no qual o autor relata sobre o cotidiano de um portador de diabetes e todas as suas dificuldades.

3 A MULHER DE ANTIGAMENTE E A MULHER DE HOJE EM DIA NOS VERSOS DE MANOEL MONTEIRO

Historicamente, a trajetória da mulher é marcada por notáveis lutas e por importantes conquistas no campo profissional, político, cultural e social, e embora moderada, se considerarmos paralelismo da cultura patriarcal ainda vigente, a história do feminino no Brasil atualmente é menos corrosiva e

agressiva. Na antiguidade, por exemplo, a mulher era inserida em uma sociedade cuja estrutura patriarcal estabelecia regras inalteráveis, ou seja, a ela restava apenas o ambiente doméstico, o casamento e a submissão ao marido, a reprodução e educação dos filhos, isto é, à mulher era negado o direito de ser sujeito, produtora de saberes e competências para desenvolver outras atividades fora do confinamento do lar.

Quando se investiga o papel feminino na sociedade, nota-se que a mulher quase sempre assumiu responsabilidade no núcleo familiar, mas não tinha o seu valor devidamente reconhecido. Quando se procura compreender o papel da mulher na/e para sociedade, é necessário atentar para os primórdios da existência humana, observando como se configurou, ao longo dos tempos, a formação do indivíduo, em especial a da mulher.

A história de algum modo, sempre evidenciou a discriminação, o preconceito e a refutação de direitos da mulher de tomar suas próprias decisões, ou qualquer forma de participação ativa na sociedade. As reivindicações e lutas femininas por direitos ocorrem há muito tempo, tanto no Brasil como no mundo. Com os movimentos feministas, as mulheres tiveram grandes vitórias, pois conquistaram o direito ao voto, à educação, de trabalhar fora do lar entre outras conquistas. Por causa disso, começaram a participar de forma mais atuante dos movimentos feministas, e hoje, cada vez mais, elas se envolvem com as lutas em prol dos direitos de igualdade entre homens e mulheres em todos os segmentos sociais.

Com o advento da pílula anticoncepcional, muitas mulheres, finalmente, passaram a tomar decisões importantes como a de decidirem o tempo certo de ter filhos, ou simplesmente de não os ter. Esse direito alavancou significativas mudanças no cenário brasileiro, tanto no que se refere à autonomia sexual da mulher quanto no que diz respeito a sua inserção do mercado de trabalho e em outras organizações sociais, ou seja, a mulher passou a decidir sobre sua vida, a fazer suas escolhas, e como isso rompe, aos poucos, as correntes das opressão doméstica, cujo machismo determinava que o devir e o lugar da mulher era em casa ocupando-se dos filhos, da casa e do cônjuge. Dizendo de outro modo, e reproduzindo o estereótipo eminentemente machista, a mulher era designada a assumir o papel de “bela”, “recatada” e “do lar”, condições sacras aos olhos da igreja e da sociedade patriarcal.

Tradicionalmente, a mulher foi e continua sendo estigmatizada pelos modelos de beleza socialmente construídos pela sociedade da imagem, cujo olhar se volta para o consumo de bens como condição para classificar os tipos humanos – rico, pobre, bonito, feio, inteligente, ignorante e etc. Inseridas num sistema que observa, seleciona e classifica as pessoas pela cor, raça, condição social, religião, cultura e, sobretudo, pelas atividades que desenvolvem, a mulher ainda sofre preconceito quando consegue ocupar funções consideradas tipicamente masculinas. Isso se deve a questões culturais enraizadas desde as sociedades primitivas, de acordo com Olinto e Oliveira:

Nas sociedades primitivas, as mulheres eram encarregadas das atividades que podiam ser desenvolvidas mais perto de casa e dos filhos, como cozinhar, confeccionar o vestuário, transportar a água, colher os frutos e moer os cereais dentre outras. Já os homens estavam voltados para as tarefas que tinham em comum o fato de serem desenvolvidas longe do ambiente doméstico, bem como também exerciam atividades que exigiam maior força física, como, por exemplo, cortar lenha, caçar, pescar, construir as casas. O ponto que cabe ressaltar é que as atividades desempenhadas pelos homens eram sempre consideradas como as de maior prestígio, não importando quais fossem. (OLINTO e OLIVEIRA, 2004, p. 32)

A ditadura do machismo e a segregação de direitos da mulher, que são disseminados pelos meios de comunicação de massa, corroboram os pensamentos da cultura de diferenciação e pertença entre homens e mulheres estabelecidos ao longo da história da humanidade, quer seja pela aparência física, quer seja pelo comportamento que se espera da figura feminina pautada na honestidade, beleza, virtudes, quer sejam pelas atribuições de tarefas a elas designadas. A arte, de modo geral, também aborda essas formas de diferenciação masculinas e femininas, e a literatura de forma ainda mais incisiva, como é o caso do cordel *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia*, de Manoel Monteiro, nele a mulher figura como transgressora de regras e valores,

3.1 O devir e o lugar de *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia* (2012), de Manoel Monteiro

O cordelista Manoel Monteiro satiriza a representação da mulher no cordel *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia* não para estigmatizá-la, mas para, provavelmente, tecer uma crítica à sociedade machista que determina quais são os papéis sociais do homem e da mulher, concebidos, algumas vezes, como anjos ou demônios, identidades socialmente construídas a partir de concepções de gênero masculino e gênero feminino, macho e fêmea, ampliando a estereótipos que determinam quais as condutas que diferenciam o homem da mulher enquanto sujeitos sociais.

A construção da identidade da mulher no que diz respeito a sua condição de “fêmea” foi edificada e divinizada no século XIX, pelo Romantismo, no qual a mulher foi tratada por muitos poetas e romancistas como um ser puro, divino e angelical, incapaz de incorrer sobre o pecado. O romance *Iracema* de José de Alencar pode ser considerado um exemplo dessa representação romantizada da mulher, normatizando modelos e estruturas femininas distantes do mundo viril, mas um universo no qual a mulher se apresenta como sexo frágil, impossibilitada de se inserir no contexto predominantemente masculino. Todavia, a personagem de Alencar desconstrói essa perspectiva de fragilidade e dominação, pois ela se coloca a frente de seu tempo e desmonta paradigmas, fardo muito pesado para uma mulher da época em que foi escrito o romance.

Manoel Monteiro faz um mapeamento e compara a mulher de hoje com a mulher de antigamente, evidenciando expressivas diferenças de comportamentos e construções sociais. A fabulação do cordelista confere à mulher a condição de invasora dos espaços masculinos, de transgressora de regras quando passa a ocupar o lugar comum do homem no trabalho, na política e nas decisões do lar, por isso a culpabiliza pelo pecado, de acordo com os preceitos bíblicos, e as desordens sociais, como podemos constatar nos versos abaixo do folheto de *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia*:

Deus após formar o mundo
 Achou que era preciso
 Povoá-lo, fez Adão,
 Mas fez Eva sem juízo
 E deixou os dois flertando
 No pomar do Paraíso...

Quando foi criar o homem

Ficou sobrando um “pedaço”
 Ele deixou assim mesmo
 E seguiu sem embaraço
 Mas quando fez a mulher
 Deixou aberto um “espaço”.

Você já imaginou
 Eva dengosa e faceira
 Tendo só por vestimenta
 Uma folha de parreira?
 Não precisava nem Cão
 Para Adão fazer besteira

Adão ficou perturbado
 Vendo um defeito daquele,
 Pois o faltava nela
 Estava sobrando nele,
 E para tapar o buraco
 Meteu o pedaço dele.

(MONTEIRO, 2012, p.1 - 2).

Eva é diabolicamente sedutora e induz Adão a cometer o pecado de comer o fruto proibido. O órgão sexual masculino é figurado pela expressão “pedaço”, e o feminino pelo termo “espaço” que se encontram para concretizar o ato pecaminoso, a relação sexual, pois para preencher o ambiente vazio de Eva, Adão introduz o “pedaço” dele. Nos distanciando dos preceitos religiosos, mas pensando a realidade atual a partir do cordel *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia* (2012), as questões que surgem são as seguintes: a mulher de fato é culpada por atrair o homem, por ser atacada? O enfoque da sensualidade só penetra no universo feminino? O homem emerge como uma vítima da mulher e seus encantos?

As indagações são pertinentes, pois a figura feminina atualmente, pelas suas revoluções e conquistas, tende a ser julgada por requerer sua liberdade e o reconhecimento de seus direitos, indeferidos, muitas vezes, pelo patriarcado vigente. Essas lutas podem parecer uma provocação ao machismo, como se a mulher por querer, e ser dona de si, tenha de ser assediada e violentada sexualmente, discriminada e julgada como se fosse propriedade do homem. A realidade, ainda, é que muitas mulheres continuam sendo vistas como objeto de manipulação masculina. Se antigamente era exigida como norma a condição de ser donzela, recatada e do lar, hoje quando ocorre o empoderamento, a independência financeira e sexual, a liberdade de fazer suas escolhas, sejam no modo de se vestir, sejam na forma de se posicionar e

enfrentar as adversidades, a mulher é vista como uma ameaça à posição do homem. Vejamos como Manoel Monteiro trata essa questão:

Houve um tempo que a mulher
Era bicho conhecido:
Usava saia godê
Blusa de manga, vestido
Longo, anágua, meia e xale,
Cabelo sempre comprido.

(MONTEIRO, 2012, p. 6)

Do ponto de vista ortodoxo, a mulher foi criada para ser esposa exemplar, mãe, dona de casa, orientada pelas famílias e, posteriormente, pelos maridos a andar com o corpo bem coberto para evitar a exposição de sua sensualidade feminina. Hoje, a mulher, de algum modo, rompeu essas barreiras e passou a decidir sobre o seu próprio corpo, a escolher sua profissão, optar ou não pelo matrimônio e vestir-se da forma que melhor lhe agrada. Por causa disso, a discussão recente é exatamente no sentido de culpar a mulher pela cultura do estupro, pois, segundo algumas concepções machistas e arbitrárias, o modo como a mulher se veste atrai o agressor. Nesse sentido, o estuprador surge como vítima da mulher sedutora e sensual, não como o criminoso, mas como alguém que é provocado a cometer a violência sexual.

Felizmente no século XX, durante a Primeira Guerra Mundial, as transformações começaram a acontecer, os homens eram convocados para lutar nas guerras, e eram as esposas que ficavam à frente das decisões do lar, da educação dos filhos e das finanças. A partir dessa realidade, a mulher foi conquistando seus espaços e passaram a conciliar os afazeres domésticos com outras atividades fora do lar. Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, as famílias passaram a assumir novos modelos, aquele padrão no qual o homem era considerado o patriarca e o único responsável pelo sustento familiar, pouco a pouco cedeu lugar às mulheres, e essas responsabilidades foram divididas entre os cônjuges, conferindo à mulher uma autonomia maior nas relações conjugais, pessoais e profissionais.

Com o empoderamento feminino, a mulher também passou a ser responsável pelo seu próprio sustento e manutenção do lar, quebrando tabus e

afirmando ainda mais seu lugar na sociedade. Todavia, em uma sociedade excessivamente machista e autoritária, essa autonomia enfrentou censura e resistência de muitos segmentos sociais, principalmente no âmbito profissional, pois da mesma forma que a mulher foi educada para o lar, o homem foi prelecionado a ser chefe da família e assumir todas as despesas da casa. A mulher, considerada inabilitada para as tarefas exclusivamente masculinas, não mediu esforço para desmistificar o estereótipo de sexo frágil, superar os medos e ocupar o seu devir-lugar na sociedade.

As mudanças dos perfis femininos são bem representadas nos versos do cordelista Manoel Monteiro, nos quais ele evidencia outro modelo de mulher, forte e lutadora. Contudo, apesar de todo empoderamento, é perceptível a tentativa de desqualificar a mulher, colocando-a em uma posição inferior ao homem, a crença de que ela não consegue sobreviver sem a presença da figura masculina, considerada forte e destemida e protetora do sexo débil, conforme observa-se nas estrofes que seguem:

Em toda repartição
Tem uma mulher mandando,
Elas estão assumindo
Todos os postos de mando
E enquanto isso no lar
Tem uma mulher faltando.

A mulher hoje é igual
A um homem destemido,
Lavar prato, passar roupa?
Acha que é tempo perdido
Mas se vê uma barata...
Grita chamando o marido.

(MONTEIRO, 2012, p. 4)

A mulher, segundo imprime o eu - poético dos versos do cordel, está assumindo as atividades profissionais com o mesmo rigor e competência do homem, embora deixe escapar a crítica pelo fato de não se interessar mais pelos serviços domésticos. Por outro lado, fica clara a deliberação da fragilidade da mulher, pois não consegue matar uma barata e recorre ao esposo, um jeito diferente de dizer, talvez, que a mulher é fraca e covarde, pois se tem a bravura para enfrentar com severidade o campo de trabalho, chefiar e estabelecer regras, não justifica ter medo de um inseto tão ínfimo.

A contemporaneidade imprime uma série de mudanças de comportamento tanto do homem quanto da mulher, o formato das relações sociais desses sujeitos alterou-se, a figura masculina já não se escandaliza com a liberdade da mulher, e esta, por sua vez, ampliou seus horizontes de expectativas, enfrentando o preconceito e o machismo nos espaços onde o domínio é, muitas vezes, do homem. Essas mudanças se devem ao processo de globalização responsável por constantes mudanças econômicas, sociais e políticas, para as quais não há mais sentido categorizar e delimitar espaços masculinos e femininos no campo dessas esferas. Vale ressaltar que apesar dessas notáveis transfigurações, muitas mulheres ainda são tratadas como serviçais do lar, do marido e dos filhos. A crítica e denúncia do poeta a essa realidade está nos versos que seguem:

Quando a mulher é honesta,
 Leva vida recatada,
 Não anda de porta em porta
 Nem gosta de cachorrada
 Ao passar na rua, as outras
 Dizem: - Lá vai a pirada!

Antigamente a mulher
 Pelo seu instinto nato,
 O serviço que fazia
 Era “ver” lenha no mato,
 Catar pulgas no cachorro
 E limpar bosta de gato.

Naquele tempo a mulher
 Era um ser quase Divino,
 Vivia para o marido
 E para fazer menino,
 Mulher não falava grosso
 Homem não falava fino!

(MONTEIRO, 2012, p. 5)

Podemos perceber uma crítica intrínseca à figura feminina, pois, de forma humorada, há um paradoxo, as mulheres representadas nas duas primeiras estrofes acima citadas têm uma mesma conduta de vida, mas ao tempo em que o eu lírico prestigia o comportamento da mulher recatada, trabalhadora e do lar, ressaltando que a mulher calma é a “certa”, nos faz refletir sobre alguns julgamentos acerca de determinados comportamentos femininos, principalmente se a mulher for muito calma e tranquila, dedicada

única e exclusivamente às atividades domésticas são estigmatizadas, criticadas e rotuladas de recatadas, estranhas e até mesmo de loucas, por não participarem dos movimentos revolucionários femininos.

Outrossim, na voz do poeta cordelista, a mulher de antigamente era considerada um ser angelical e pura, andava com o corpo coberto, não se exibia como o estereótipo da mulher moderna, e não saía de casa, era a típica comportada e ajuizada, não era nem de longe parecida com a mulher de hoje em dia, escrava da beleza e do culto ao corpo, segundo consta nos versos do poeta:

Espartilho, lenço e touca,
 Moda ousada era cocó,
 Se o rapaz pedisse um beijo
 Ficava falando só,
 Sem casar, só via mesmo
 Mão, pescoço e mocotó.

Não raspava sobrancelha,
 Nem sovaco, nem pentelho,
 Para usar rouge ou batom
 Tinha que pedir conselho,
 Califon de meio-corpo,
 Calçola? Até o joelho.

Mas para andar? Era livre,
 Do terreiro pra cozinha
 No resto era proibida,
 Na sala a mulher só vinha
 Se fosse pra trazer água
 Ou para tanger galinha.

(MONTEIRO, 2012, p. 6)

Nos versos acima é perceptível o quanto a mulher era privada de sua liberdade de expressão, da autonomia e do direito de fazer as próprias escolhas. O modo com ela se vestia antigamente denota a cultura da preservação do corpo encoberto e protegido dos olhares externos, afinal, o corpo era instrumento de procriação e satisfação do marido, que desconsideravam os desejos sexuais da esposa. De acordo Coutinho (*apud* AMAZONAS, 2006, p. 30) “O grande valor que a mulher possuía nesse período era o de ser capaz de gerar, de propiciar. A maternidade era a maior razão para o reconhecimento feminino”. Corroborando com a ideia do autor, pode-se perceber que a mulher de antigamente era vista apenas como genitora, não

tinha autonomia de opinar em assuntos sociais e familiares, um ser educado para obedecer à figura masculina e servi-lo sem contestação alguma, como denunciam os versos abaixo:

Mulher só ficava nua
 No dia do nascimento,
 Ou quando tomava banho
 Mas fora desse momento
 Eu acredito que só
 Na noite do casamento.

Se o marido descobrisse
 Na hora da “inspeção”
 Que antes dele outro homem
 Havia passado a “mão”
 Tinha o direito de
 Fazer a devolução.

Se algum “cabra safado”
 Tivesse comido o fruto
 O marido corneado
 Fosse da praça, ou matuto,
 Já estava autorizado
 A devolver o produto.

(MONTEIRO, 2012, p. 7)

A diferenciação estabelecida pela cultura machista coloca homem e mulher dentro de uma hierarquia de poder e controle - a mulher de antigamente era inferior ao homem - educada para os afazeres domésticos, doutrinada para o casamento e a missão de ser mãe, sua função era de serviçal. Já o homem era considerado o chefe de família, responsável pela manutenção financeira e pela ordem da estrutura familiar, era, assim, superior à mulher. Observamos na última estrofe acima, a cultura da valorização da donzela, mulher que se resguardava para o matrimônio, caso descumprisse a regra social, era devolvida aos pais, muitas vezes, castigadas pela família ou pelo homem que fora enganado.

No contexto atual, as relevantes conquistas femininas podem ser percebidas principalmente em relação à liberdade sobre o seu próprio corpo, bem como a soberania para decidir pelo matrimônio ou não, sacramento indispensável à vida da mulher de antigamente, quando não podia, muitas vezes, sequer escolher com quem casar, tudo era sentenciado pela família, isto é, pela figura paterna. A institucionalização do casamento se dava pelo dote, a

mulher vista como um objeto de troca e venda. Para o eu lírico de *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia* (2012), as coisas mudaram, a mulher já não cede aos caprichos do patriarcal, é livre. Essa liberdade preocupa e intimida a liberdade do homem:

Hoje, a coisa é diferente
A mulher vive à vontade
Até já trabalhar fora!
É uma temeridade
A continuar assim
Vai-se a nossa liberdade.

Em algumas profissões
A mulher dava primeira,
Ninguém ganhava pra elas
Nas artes de rezadeira,
Fazer panela de barro,
Tecer balaio e esteira.

Pavio de candeeiro?
Faziam como ninguém!
Capar pinto, bater pano
Pilar milho pra xerém
São coisas que as mulheres
Faziam e faziam bem.

(MONTEIRO, 2012, p. 8 - 9)

De forma humorística e, ao mesmo tempo, irônica, os versos do poeta Manoel Monteiro imprimem ao homem a surpresa da superação da mulher e o medo de perder espaços para essa mulher emancipada e revolucionária, e isso parece algo aterrador para o machismo imperante na nossa sociedade, pois é sabido que quando a mulher ocupa um espaço de maior prestígio social, por exemplo, isso causa inúmeros conflitos conjugais, uma vez que para o homem ganhar menos ou assumir um emprego ou uma hierarquia inferior aos de uma mulher é motivo, muitas vezes, para descontentamento e desordem.

A discriminação da mulher sob a égide de sexo frágil, incapaz de ser igual ao homem no trabalho e na tomada de decisões, alarga cada vez mais o preconceito. Essa segregação social contraria o que rege a Carta Magna do Brasil, quando define no seu inciso IV “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (BRASIL, 1988, art. 3).

Nos versos seguintes, fica patente a crítica ao empoderamento da mulher de hoje em dia, o eu lírico chama atenção para o perigo de o homem

perder sua patente, ou seja, o lugar de líder no lar e no trabalho. Para assegurar a hegemonia masculina, o eu poético, em tom de ironia e denúncia, desqualifica os direitos da mulher, bem como a sua capacidade de competir com o homem no campo profissional, corroborando o preconceito e a discriminação no que se refere às competências da mulher para a política e o mercado de trabalho, embora o eu lírico reconheça a eficiência feminina, como podemos constatar quando afirma que:

A mulher como empregada
É uma calamidade:
Tem quatro meses de folga
Se for pra maternidade,
Seu mês só tem vinte dias
Mas falta mais da metade.

Tem trinta dias de férias
Mais uns trinta pra casar
Tirando a hora do almoço
E a hora de amamentar
Somando tudo não sobra
Horário pra trabalhar.

Já tem umas no Senado
Só falta uma Presidente;
Sou forçado a admitir
Que tem mulher competente,
Mas elas mandando em tudo
Que diabos sobra pra gente?

(MONTEIRO,2012, p. 8 - 9)

O modo com o poeta Manoel Monteiro compara a mulher de antigamente com a mulher de hoje em dia evidencia as mudanças ocorridas a longo do tempo, pois a igualdade social, embora ainda esteja longe da desejada, tem afluído de modo positivo diante das lutas e reivindicações femininas, avanços quase inimagináveis em uma sociedade devidamente marcada pelo patriarcalismo pungente. Para o eu lírico dos versos acima, o acúmulo de atividades da mulher compromete a qualidade do seu desempenho profissional fora de casa, além disso, ele desdenha os direitos conquistados por elas como: a licença maternidade, férias, horário de almoço, direito a ingressar na política, entre outras vitórias femininas conquistadas à custa de muitas revoltas e lutas em prol dos direitos de igualdade social entre homens e mulheres. Por isso, de acordo com Nogueira :

As revoltas sociais em favor da igualdade social, a discriminação sexual da mulher deveria desaparecer, já que homens e mulheres se encontravam cada vez mais unidos por um determinado modelo de sociedade. Porém, mesmo com vários anos de lutas feministas – além da evolução nas condições de vida de muitas mulheres (embora ainda há de se melhorar muito), é evidente que o seu acesso a posições de liderança ou de poder nas inúmeras organizações de diferentes domínios ainda não é um fato e a possibilidade de mudança nesse sentido, pouco segura. (NOGUEIRA, 2006, p.57)

Para a autora, a existência ainda da discriminação sexual é algo vão, não deveria existir haja vista que homens e mulheres, no limiar das revoltas em favor da igualdade social, se encontravam coadunados pelo mesmo paradigma de sociedade, evidentemente, cada um com suas necessidades imediatas sem, contudo, tomar o lugar de ninguém, mas garantir o direito de paridade entre homens e mulheres em diversas organizações sociais. Contudo, a teórica reconhece que o acesso e domínio feminino ainda são escassos, e as expectativas de mudanças mais expressivas ainda são incertas.

Nos versos seguintes, o poeta Manoel Monteiro desalinha os estereótipos atribuídos à mulher enquanto mãe, esposa, dona de casa e profissional de diferentes organizações institucionais, ele desfaz a brincadeira e confere a crítica e a denúncia aos discursos machistas que ao longo da história da humanidade subjugarão a mulher, determinando papéis e atribuições sem que ela pudesse requerer seus direitos, ou seja, a submissão era condição ortodoxa estabelecida pela sociedade, cuja violação de direito, privacidade e liberdade eram, muitas vezes, inquestionáveis.

A brincadeira séria do poeta provoca uma reflexão sobre a representação da mulher na arte e na vida real, não cabe julgar quem manda mais, quem pode mais, importa saber dos direitos de igualdade sexual, sem discriminação ou qualquer tipo de preconceito. O poeta finaliza pedindo desculpas, e esclarece a brincadeira enaltecendo a figura da mulher, pois, para ele, se não houvesse a mulher era preciso inventá-la:

Onde tem homem que manda
 Uma lei se estabelece
 A mulher é submissa
 Porque sábia reconhece
 Que manda quem tem a força,
 Quem tem juízo obedece.
 [...]

Lá em casa, pelo menos,
A mulher não ignora,
A última palavra é minha
Achou ruim? vá embora!
A mulher diz: - cala a boca!
Eu respondo: - Sim, senhora!

Mulherada do Brasil
Desculpem este meu falar,
Tudo isso é brincadeira
Do poeta popular,
Se não houvesse mulher
Era preciso inventar.

(MONTEIRO, 2012, p. 9 - 10)

O eu lírico, com muito humor, explica que não foi intenção menosprezar, diminuir ou ridicularizar as mulheres, mas uma brincadeira em forma de poesia para retratar os pensamentos machistas e retrógrados que ainda pairam na sociedade sobre a absurda ideia de separação, poder e controle entre homens e mulheres. Qualquer tipo de violência, seja ela física, mental, psicológica ou sexual deve ser combatida e denunciada, pois não se pode conceber que a barbárie herdada historicamente da “cultura” autoritarista, machista e misógina ainda prevaleça na atualidade.

Dito isso, percebe-se que o poeta popular Manoel Monteiro foi um pesquisador e observador das questões sociais, preocupado com os rumos do Brasil e do mundo, ele poetizou em versos histórias, mitos e lendas sobre homens e mulheres de todos os tempos, uma paródia da vida real representada nas linhas de cada estrofe do cordel *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia*. Parafraseando Mark J. Curran (1986) esse aspecto acontece pelo fato de que o poeta popular tem o talento de narrar e comentar acontecimentos históricos de sua época. Tendo uma ligação estreita e íntima com o povo, o poeta popular se torna porta-voz, a ponte do povo, para representar, comentar da vida aos problemas, tradição cultural e situação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de cordel é antes de tudo uma expressão de resistência do povo lutador, que encontrou nessa arte a maneira mais singela de manifestar suas lutas e conquistas, um jeito de falar de si e do outro para dá visibilidade aos costumes do Nordeste brasileiro, muitas vezes, estigmatizados por aqueles que desconhecem a riqueza da cultura de um povo simples, forte, confiante e acolhedor. O cordel é, assim, a matéria prima do cordelista, seja em prosa ou em versos, ele colhe os estratos sociais para falar das experiências de outrora e de hoje, quer sejam as histórias messiânicas, de cangaceiros ou as pelejas de grandes figuras públicas com “Deus” ou com o “diabo”, provocando risos e conquistando leitores de todas as idades.

O artista popular imprime nos versos os problemas existentes em nossa sociedade, ele é o porta-voz das desigualdades, do preconceito e da discriminação. Muitas vezes, essas questões surgem no formato de paródia e sátira, cujo humor emerge como recurso estilístico da poesia popular que encontra na anedota e gracejo um jeito ameno para falar de gente simples, fatos e acontecimentos cravejados na memória dos cantadores de viola e cordelistas do Nordeste brasileiro. As lutas de classes, as analogias de gêneros e a emancipação da mulher também povoam os folhetos de cordéis, principalmente quando o poeta compara a mulher de antigamente com a mulher de hoje em dia, como fez o cordelista Manoel Monteiro no folheto *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia*.

A poesia de Monteiro é rica em denúncia e crítica aos estereótipos imputados à condição da mulher na sociedade de todos os tempos. Em qualquer época é comum a segregação de direitos à liberdade, e hoje, mesmo diante de significativas mudanças ainda se percebe o preconceito e a discriminação. A sociedade ainda tende a comparar o homem e a mulher, colocando a figura feminina quase sempre em condição desfavorecida em relação à figura masculina, este considerado símbolo de força, rigor e competência, como se a mulher também não tivesse essas mesmas qualidades.

Em tom de brincadeira, Manoel Monteiro evidencia essa realidade que, infelizmente, ainda é recorrente no Brasil, e sobretudo na região Nordeste, cujo

machismo parece ser mais forte do que em outras regiões em função de uma cultura predominantemente coronelista e patriarcalista, que imperou e ainda tem resquícios nessa região antes povoada por jagunços, cangaceiros e justiceiros, na qual a mulher era a serviçal do homem e do lar, sem direito à voz, marginalizada na sua condição de fêmea e mulher. A leitura do cordel *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia* nos possibilitou refletir sobre a representação da mulher na literatura, especialmente no cordel de Monteiro, bem como pensar a figuração da mulher perante a sociedade contemporânea.

Dito isto, esperamos que este trabalho possa contribuir de algum modo para ampliar as discussões em torno das formas de representações femininas na literatura de cordel, uma vez que muitas pesquisas contemplam essas atuações mais no âmbito da literatura canônica, pois o volume de estudos sobre a figuração da mulher nos folhetos de cordéis parece ainda pequeno, sobretudo quando se trata de colocar em debate a discriminação em relação a autonomia da mulher. Vale ressaltar que essa autonomia tem custado um preço muito alto às muitas mulheres que, além de trabalhar fora, ainda têm de administrar a casa e cuidar dos filhos, enfrentando a hostilidade e virilidade de uma sociedade genuinamente machista e preconceituosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

AMAZONAS, Maria, Cristina Lopes de Almeida; LIMA, Albenise de Oliveira; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. *Mulher e Família: Diversos Dizeres*. Recife: Oficina do livro, 2006.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm> Acesso em: 28 de janeiro de 2018.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário de folclore brasileiro*. 10. Ed. São Paulo: Global editora, 2001.

CURRAN, Mark J. *A literatura de cordel*. Recife: UFPE, 1973.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, v.9. (Coleção Historial).

JÚNIOR, Manuel Diegues. *Literatura de Cordel*. In: Batista, Sebastião Nunes. Antologia da literatura de cordel (org). 1977 (p. 01 -23).

_____. *Ciclos Temáticos na Literatura de Cordel*. Maceió: Editora Imprensa Oficial Graciliano Ramos 2012.

LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura de cordel*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. *O que é literatura popular*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. Coleção Primeiros Passos.

MEDEIROS, Irani. *No reino da cantoria sertaneja*. João Pessoa: Editora Universitária (UFPB), 2002.

MELO, Veríssimo de. *Literatura de Cordel: visão histórica e aspectos principais*. In: LOPES Ribamar. (org.). *Literatura de Cordel: antologia*. Fortaleza: BNB, 1982.

MONTEIRO, Manoel. *A espanhola inglesa*. Baseado na obra de Miguel de Cervantes. São Paulo: Scipione, 2008.

_____. *A Mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia*. ed. 9. Campina Grande – PB, 2012.

NOGUEIRA, Maria da Conceição de Oliveira Carvalho. *Os discursos das mulheres em posição de poder*. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 2, n. 9, p. 57-72, 2006.

OLINTO, Gilda; OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de. *A Inserção no Trabalho Segundo a Condição na Família: dados da PNAD para o Brasil urbano*. Mulher e trabalho, Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística. DIEESE; SEADE-SP;FAT;FGTAS/SINE-RS,v.4,p.31-44,abr.2004. Disponível em <http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/mulher/2004/artigo2.pdf>. Acesso em 04 de dezembro de 2017

VIANA, Arievaldo. *Acorda cordel na sala de aula*. Mossoró, RN: O mossoroense 2005. Disponível em: <http://www.queimabucha.com/index.php/pagina=Artigos&ida2>. Acesso em: 18 de out. de 2017.